

adequada à situação. Com Sarney acelerou-se o processo inflacionário, multiplicaram-se as greves promovidas pela CUT, votou-se a Constituição de 88, que o deputado Ulysses Guimarães iria batizar como *Cidadã* e que, pouco depois, seria apontada pelo Presidente Sarney como causa da ingovernabilidade do país. A Sarney sucedeu Fernando Collor de Melo, que pouco pôde realizar, pois foi apeado do poder por *impeachment* do Parlamento, acusado de corrupção política, qual a de se achar envolvido em negócios escusos, valendo-se da posição que ocupava no Governo. Substituiu-o o vice, Itamar Franco, cujo maior mérito foi o de ter posto em execução o “plano real”, que restituiu à moeda brasileira a estabilidade necessária ao saneamento financeiro do país (pelo menos, até hoje), plano elaborado na gestão do seu Ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. Em eleição de grande vibração cívica, sagrou-se vitorioso nas urnas, com ampla margem de votos, o candidato Fernando Henrique Cardoso.

Com Fernando Henrique Cardoso mergulhamos na Pós-Modernidade. Só Deus poderá saber o que é isso.

Como nome símbolo do período, parece-nos avultar o de Getúlio Vargas, pelo novo sentido que imprimiu à República Brasileira, fazendo-a transitar da liberal-democracia para a social-democracia.

(18/9/95)

*

Hamilton Nogueira

Mais do que uma simples vitória eleitoral, a escolha de Hamilton Nogueira para uma das cadeiras do Senado demonstra que boa parte do povo carioca sabe colocar acima das transitórias competições partidárias o destino superior da Pátria Brasileira, cujas novas feições políticas vão ser em breve modeladas pelos constituintes de 46. Com efeito, Hamilton Nogueira não possuía nenhum dos títulos clássicos que asseguram esmagadores triunfos nas urnas. Nunca foi político no seu tido profissional do termo. Não tinha, por conseguinte, a clientela acostuada aos favores cobiçados ou às expectativas alvorçadas. Não alistou ninguém diretamente, muito embora tivesse contado com o caudal de votos do partido a que se filiou. Não fez, propriamente campanha eleitoral, pois, só no fim da mesma foi que discretamente acompanhou o major-brigadeiro Eduardo Gomes ao Sul e ao Norte do país. Não se lhe conhecem, portanto, discursos ou entrevistas em que tivesse condenado irremissivelmente todo o nosso passado político e declarado que iria reconstruir o Brasil desde os alicerces. Não fez demagogia. O seu nome não apareceu em faixas, nem cartazes, nem muito menos em muros lamentavelmente pixados. Nunca

foi herói nacional, nem chefiou movimentos armados de salvação pública, nem sequer andou a bordo do famigerado “Pedro I”. um autêntico valor negativo para os manipuladores de vitórias eleitorais.

Entretanto o que se viu foi a sua votação impressionante desde o início da apuração, tendo-se mantido no primeiro posto quase até o terminar da mesma. Todos nos lembramos das sombras angustiosas projetadas pelas notícias, felizmente infundadas, de que havia sido ultrapassado por outro candidato melhor conhecedor do ofício. Para nossa alegria, dados posteriores mais exatos vieram confirmar a sua indicação definitiva para o Parlamento, onde será um dos pontos altos.

De onde provém, então, a força polarizadora de sufrágios que lhe deram a magnífica vitória? Não podemos, em primeiro lugar, esquecer o grande prestígio de que gozava a UDN no Distrito Federal, partido que o incluiu na sua chapa para o Senado. Mas a verdade também é que o seu companheiro não pôde competir com os votantes adeptos do Cavalheiro da Esperança... Apelemos, então, para a sua qualidade de católico. E aí teremos mais um dos elementos capazes de explicar-lhe a eleição. Todavia à mesma LEC nem sempre foi favorável o *verdictum* das urnas.

Juntemos, então, à LEC e à UDN o próprio Hamilton Nogueira. Não o vimos, entretanto, desprovido pessoalmente de clientela eleitoral? Não o vimos farto de títulos que engrandecem os políticos aos olhos e aos ouvidos das massas votantes? Claro está, pois, que o valor de Hamilton Nogueira é de outro quilate. E realmente a sua vida é um exemplo de modéstia e honestidade. Hamilton Nogueira cumpriu probamente o seu dever de estudante, passou pela crise intelectual da juventude, quando encontrou a mão amiga e leal de Jackson de Figueiredo, formou-se em medicina, casou-se, teve filhos (muitos filhos), prestou mais de um brilhante concurso de provas e títulos, graças ao que é hoje catedrático da Faculdade Nacional de Medicina e da Escola de Medicina e Cirurgia. Tudo isso, porém, ele o fez de maneira superior e diferente. Diferente em quê? Nisto, na sua vocação puramente cristã, que o leva a distinguir-se entre os seus pares, quase sem o saber, de leve tocado por alguma coisa que lhe comunica o senso do justo e do perfeito. Esta alguma coisa é a sua fé viva, sincera, equilibrada. Exatamente o cristão não é aquele que se distingue dos contemporâneos pelo exagero dos atos que pratica, mas aquele que realiza (o que é muitíssimo mais difícil) as tarefas rotineiras da vida cotidiana num plano mais alto, que é o do amor de Cristo transfigurando tudo o mais.

Este é o segredo da personalidade irradiante e forte de Hamilton Nogueira, que encarna da maneira mais tranqüila possível o antípoda do homem vulgar.

Num momento em que o que falta ao Brasil e ao mundo é, antes de tudo, um timbre mais elevado de caráter e harmoniosa formação espiritual, a escolha de um nome, como o de Hamilton Nogueira, homem de fé singular, de cultura larga e profunda, e de amor cem por cento cristão aos que erram, representa uma guinada na vida política do Brasil, que nos faz exclamar num ímpeto irreprimível:

– “Sursum Senatus!”

(s/d)

*

Missão Interamericana de Direitos Humanos

Li no *Informe JB*, de 09/10/95, a) que o Brasil receberá no dia 04 de dezembro uma missão da Comissão Interamericana de Direitos Humanos, da Organização dos Estados Americanos; b) que dita Comissão fará uma viagem de uma semana pelos estados amazônicos, com a finalidade de investigar desrespeitos à dignidade humana na região; c) que houve autorização do governo Fernando Henrique Cardoso para tal, e que essa autorização é inédita e representa um ato de coragem.

Quanto ao último item, lamento o precedente aberto pelo governo Cardoso, pois permite interferência de organismos internacionais em assuntos que dizem (ou deviam dizer) respeito à nossa soberania, coisa que os países livres não consentem. Demais, por que a Amazônia é o pulmão do mundo, ouve-se dizer. Nesse caso, advertia o saudoso Carlos Lacerda, o mundo devia pagar royalties ao Brasil.

Note-se que, na Amazônia, foram demarcados espaços enormes (maiores que alguns de nossos estados) em terras de fronteira, para a deambulação de alguns milhares de indígenas. Enquanto isso, no Sul, centenas de sem-terra clamam por um pedaço de chão para trabalhar e produzir. Não seria mais justo dividir esses vastos espaços demarcados entre os sem-terra e os indígenas?

Diz ainda o jornalista que o ministro Nelson Jobim acredita que os integrantes da missão irão surpreender-se com as iniciativas do Governo no sentido de colocar o Brasil no caminho de uma sociedade que zele mais pelos direitos humanos. *Sancta simplicitas!*

Ato de coragem. A outros poderá parecer antes de submissão.

[Carta aos leitores]
(10/11/95)

*